



PALACIO DE QUELUS

## O COLLEGIO DOS NOBRES EM MOSCOW.

Do alto da torre de Ivan-Veliki no Kremlin a vista de Moscow; dilatada como a de Roma pelas encostas e faldas de muitas collinas, apresenta um aspecto que a imaginação engrandece. Os tectos das casas não são de telhas, de lousa, de colmo, ou de taboas, nem de outra qualquer materia empregada nos demais paizes; são todos de chapas de ferro e pintados ou de vermelho escuro ou de verde carregado; e este contraste de duas côres fortes misturadas confusamente é salpicado em todas as direcções e por assim dizer esmaltado de zimbórios, coruchões, e campanarios de innumeraveis egrejas.

Nem a grande Cordova dos arabes, segundo talvez mentiam os seus geographos, que continha duzentas mil casas e com ellas seiscentas mesquitas, cincoenta hospitaes, oitocentas escolas publicas, e novecentos banhos, tinha comparação com Moscow, na quantidade de edificios destinados ao culto.

Em eras antigas dizia-se proverbialmente que Moscow possuia quarenta vezes quarenta egrejas: os incendios, e as diferentes occasiões em que foi tomada de assalto, juntamente com a acção destruidora do tempo, aniquilaram boa porção; mas, ainda lhe restam muitas e algumas reconstruidas, porque esta cidade é considerada santa pelos seismaticos gregos como os catholicos reputam Roma. Cumpre notar que a maioria d'essas egrejas, que ainda agora se contam em numero de novecentas, são apenas capellas de diferentes formas, construidas no estylo e gosto byzantino e asiatico, e somente merece especial menção a vasta e magnifica egreja de S. Basilio, de architectura gothica.

Entre os edificios modernos considera-se um dos mais elegantes o que foi palacio da familia Pashkoff, cedido a corôa pelos seus proprietarios, e que os soberanos converteram no gymnasio ou collegio dos nobres, para educação dos mancebos das classes hierarchicas do imperio. É a obra que no gosto moderno tem a primazia de mais perfeita na antiga capital da Russia, como a representa na fachada exterior a estampa que reproduzimos no passado numero.

M.

## VINGANÇA POR VINGANÇA.

NA LAREIRA.

Era em uma das frias e chuvosas tardes de Janeiro do anno de 1680. Numa casa cerca á *Porta do Arco da Graça* (pouco antes conhecida pela *Porta da rua da Péla*, até que em 1657 ahí, n'um grande oratorio, se collocou a imagem de *Nossa Senhora da Graça*) mesmo no transito para o collegio de Santo Antão, achava-

vam-se reunidas, junto a um brasido, quatro pessoas que compunham toda a familia de Aldonsa Peres, viuva de um honrado mercador, que juntara sua fortuna no trato das Indias.

Aldonsa Peres fiava a sua teia, occupação em que nem um unico dia deixava de pôr mão, afora os santificados; pois n'este caso incorreria de certo nas censuras do seu confessor, e aquella boa dona, temente a Deus como era, nem por todo o cabedal que possuia (e na cidade se dizia que não era pouco) queria levar aos pés do padre mestre Gaspar a confissão de semelhante peccado n'um dia consagrado ao Senhor.

Beatriz, sua filha, donzella de dezeseite annos, e unica herdeira da fortuna de seus paes, lia em voz alta um livro de devoção que o padre mestre, havia tres dias, lhe dera para entretenimento do espirito e purificação da alma.

Sancha, criada antiga, e tão antiga que já o fóra da mãe de Aldonsa — e vira nascer esta e viera com ella para sua casa — sendo por isso tratada por Beatriz com as attentões de avó — passava vagarosamente por entre os rugosos dedos as contas de um grosso rosario, que fóra benzido em Roma, e mandado com outros pelo geral da ordem da Companhia de Jesus aos padres do collegio de Santo Antão, para presente de consoadas aquellas que se distinguissem por actos de virtude, e amor á ordem.

Marianna, moça quasi da idade de Beatriz, recolhida n'aquella habitação desde que aos sete annos ficara orphã, remendava um gibão de baeta amarella, com que a velha Sancha se costumava abafar.

Tal o quadro que repentinamente havia ferir os olhos de quem entrasse em casa de Aldonsa Peres, no momento em que principiamos a descrever as personagens da nossa historia.

Mas se acaso o espectador se demorasse um pouco mais, conheceria logo que algumas d'ellas nem todos os sentidos tinham empregados na sua occupação. A viuva parava um pouco com o fiado, para fazer repetir á filha uma phrase mal percebida e Sancha, cruzada no chão, deixava pender a cabeça com a somnolencia propria da sua avançada idade, e mais duas ou tres contas lhe escorregavam pelos dedos, além d'aquella que devia passar. Por isso a obra das duas velhas não avançava — a da primeira pela frequencia das interrupções — a da segunda, porque ao estremunhar, olhava para a mão em que tinha o rosario, e conhecia que não ia tão avançada no *mysterio*, e fazia recutar não só as contas fugitivas, mas, por cautela, mais duas ou tres, para que chegado o *offerecimento*, não lhe faltasse um *Padre Nosso* ou uma *Ave-Maria*, antes sobejassem.

D'aqui julgará o leitor que as unicas absorvidas na tarefa eram a que lia, e a que remendava! . . . De certo que não. As edades eram curtas de mais para uma e outra se entreterem assim; e por isso não deve admirar-se, dizendo-lhe que Beatriz erguia a miudo a vista de so-

bre o livro para a dirigir a porta como quem esperava alguém; e Marianna, trocando com ella olhares de intelligencia, deixava a agulha mettida no remendo, ora para chegar á janella a ver se a agua, que caia do ceo, já enchia o alguidar que tinha posto fora da porta, ora para perguntar a Sancha, se aquellas rajadas de vento, que se repetiam incessantemente, seriam indicio de trovoada.

Era já a sexta vez que tal pergunta interrompia a beatifica somnolencia da velha, e a qual acabava de responder, resmungando, — que se confiasse em Deus, pois não havia tal perigo. — quando repentinamente o clarão de um relampago esclareceu a casa, e d'ahi a seis segundos um trovão se deixou sentir; indicio certo, pelo tempo que mediou entre o raio e o trovão, de que a trovoada se achava a seiscentas toezas d'aquelle local. Porém as boas mulheres que não eram melhores mathematicas de que o acabamos de ver na avó Sancha, logo ao relampago soltaram um estremeceador *Ai Jesus!* que é a christã invocação em todos os momentos de agonia, e ao trovão caíram ajoelhadas repetindo a *Magnificat*.

Ao terminal-a, disse Aldonsa Peres para a criada:

— Corre ao oratorio e acende o cirio da ultima semana santa. . . Olha; traz tambem a caldeirinha da agua benta, que o padre mestre Gaspar nos enviou sabbado de Alleluia, e o palmito santo que foi benzido no domingo de Ramos!

A moça ergueu-se toda tremula, e bem a medo se dirigia a cumprir as ordens da ama, pois os relampagos e trovões succediam-se encurtando rapidamente o intervallo, quando Sancha lhe bradou:

— Não te esqueças de vir tangendo a campainha do senhor S. Jeronymo.

— Beatriz, continuou Aldonsa Peres voltando-se para a filha, lê-nos as orações de Santa Barbara.

A filha levantou-se lentamente, e com os olhos erguidos para o ceo, como quem procurava n'elle um lenitivo á alma que está afflicta, foi buscar a uma arca o pedido livrinho, e com bastante fé principiou a sua leitura.

Terminadas as orações disse Beatriz:

— Madre minha, rezemos um *Padre Nosso* por aquelles que andam a estas horas fora de suas casas.

— E uma *Ace-Maria* pelos que se acham sobre as ondas do mar, que assim fazia eu quando teu padre, que Deus tenha sua alma no ceo, andava no trato das Indias.

— E um *Gloria Patri*, acrescentou Sancha, em louvor de Deus, que se digna livrar os infelizes tambem d'este perigo.

Acabavam as mulheres suas devoções, quando Marianna volvia com o ramo e a caldeirinha de agua benta na mão esquerda e agitava na direita a campainha de S. Jeronymo.

N'esse momento um relampago mui vivo, que pareceu incendiar a casa, seguido immediatamente de um espantoso trovão — indicio de que a trovoada pairava sobre aquelle logar — e o cheiro horrivel de enxofre, deram a perceber que a materia ignea caira mui perto d'ali.

Não devemos admirar-nos que ellas, fracas mulheres, se aterrorassem tanto com este phenomeno electrico, quando vemos muitos homens possuidos do mesmo terror supersticioso. Uma nuvem cheia de materia electrica, posta em acção, encontra outra que o não está, ou esta menos carregada. Formam-se immediatamente duas correntes, uma effluente, outra affluente que se encontram, se chocam, e acendem todas as materias inflammaveis, e que se abrem passagem. Sua impetuosidade, junta a acção da chamma, produz no ar que as cerca uma agitação rapida. D'aqui provém a explosão. Um fragor que todas as nuvens visinhas e todos os eccos repetem, faz-se então ouvir. Levanta-se um vento impetuoso que dura pouco, e os vapores re-unem-se, e caem em gotas sobre a terra.

Porém não damos aqui prelecções de physica, e prosigamos em o nosso conto.

As mulheres ficaram como petrificadas, sem poderem soltar uma palavra. Marianna largou das mãos a campainha de S. Jeronymo que rolou pelo sobrado dando um som agudo; e tambem a caldeirinha de agua benta, que toda se extravasou.

E a porta da rua abriu-se como a impulsos da rajada do vento!

Não o foi. Era o effeito natural da entrada de um homem.

Ao vel-o, Beatriz correu para elle, com um sorriso nos labios, e alegria nos olhos.

— *Senhora da Piedade!* Como vens, primo! A agua escorre por todos os lados! Estás mais remolhado que uma sopa bem embebida!

E a donzella foi ajudando-lhe a despir o comprido ferragonho que cobria o mancebo desde a cabeça até aos pés.

Era ver a alegria com que ella acolhia aquelle homem, cuja entrada fôra tão brusca, e a chegada era o termo de um turbilhão de pensamentos, de uma infinidade de preces que a donzella dirigira do intimo do coração, sem que os labios o significassem, n'aquelle meia hora decorrida desde que principiamos a nossa narração.

— Não ouviste aquelle medonho trovão? Não viste aquelle terrivel raio, que necessariamente havia cair aqui mui cerca! . . . Porque te não acolheste a alguma pousada apenas principiou a chuva? . . . Para que te expozeste assim a este desabrido temporal? . . . Tudo por nossa causa, Simão! . . . Tudo por nós, madre minha! . . . Olhe como elle vem tão frio! . . . Está gelado! . . . Chega-te aqui para o brazeiro. . . Anda, Simão Rodrigues. . . anda. . . que nos hasde dar assim desgosto. . .

E Beatriz continuaria por longas horas suas



## DILUVIO DE LUZ.

«Vocavi, et renuistis: extendi manum meam, et non fuit qui aspiceret.

«Despexistis omnē consilium meum, et increpationes meas neglexistis.»

PROVER. — I, 24-25.

«E que diluvio de muitas aguas é este? É a multidão de afflicções, e angustias, que n'aquella hora como um diluvio afogam o coração dos que se guárdaram para ella... n'aquelle tropel, e tumulto de cuidados, de affectos, de dóres, de penas, de temores, de irresoluções, de assombros, e n'aquelle verdadeiramente diluvio de ancias, e angustias mortaes, opprimido, e afogado o homem dentro, e fora de si mesmo, nenhum haverá que tenha forças, ou tino para nadar á Arca da salvação e nenhum que se possa chegar a Deus, ainda que quizesse.»

VIEIRA — SERMÕES, VI PARTE, § 314.

## I

Pouco mais de quatro mil e duzentos annos ha, que se deu na terra um estranho espectáculo. Nuvem espessa envolveu e toucou uma altissima montanha, e figura extraordinaria surgiu do meio d'ella, com semblante entre magoado e triste. Eccoando em todo o mundo, sua voz, acompanhada d'uma orchestra solemne de raios e trovões, declamou assim:

«Terra! As tuas iniquidades chamaram sobre ti o açoite do ceo!

«Eu suspiro e gemo com amargura do meu espirito. Como o mar grande é o meu desfalecimento!

«A ingratidão derramou-se em todos os corações. O rancor de Satanaz não respeitou o homem feitura do Eterno!

«Possessos levantaram a espada sobre os que foram sempre presentes aos olhos de Deus. E castigaram-n'os. E o sacerdote e o propheta foram mortos no santuário. E as solemnidades ermas. E a lei suprema rota e calcada aos pés pelos endemoninhados!

«Vassallos possuem o mundo e se tem enriquecido n'elle. O verdadeiro povo de Deus mendiga o pão, morre sequioso de justiça.

«Boas e más doutrinas cresceram a par. Hoje não ha quem extirpe a boa da má semente!

«Da má, digo eu, o que um dia se dirá d'um templo da terra: *não ficará aqui pedra sobre pedra, que não seja derribada!*

«Os primeiros de hoje serão dentro em pouco os ultimos e os servos; as más hervas cortadas pela raiz; a cira limpa; o trigo recolhido no celeiro; mas as palhas queimadas em fogo que já mais se apagará.

«Filhos das trevas! O Senhor vac levantar-se contra vós, pela multidão de vossos crimes!

«Essa mancha caliginosa, que poderá delil-a? O marmore, de que a cegueira e a baixaza vos fizeram estatuas, já presente destruição e sua de vergonha!

«Tocastes o termo da maldade. Tambem vos chegará o calix. Sereis d'elle embriagados e sereis despídos!

«Recebereis o pago como merecem as obras de vossas mãos!

«O Senhor vos perseguirá no seu furor, e fará pó debaixo dos ceos!

«Não pôde a razão por si só trazer a concerto os membros desconjuntados. Hade o castigo e a destruição ser escarmento e vindima dos maus!

«O tempo está proximo. Filhos das trevas, se sois justos como Noé, aparelhae uma arca e salvae-vos do cataclismo, que já assoma no horizonte, e vos inclina a frente para o nada!

«Depois virá o dia do triumpho, e o reinado da justiça!»

## II

Parte do annuncio sobrehumano cumpriu-se. Pouco depois só o disco luminoso do raio cortava a escuridão pavorosa. A todos faltam as forças. A vista causada em vão corre em torno. Fechada em estreito horizonte só acha ceo bronzeado que ameaça morte, serras d'espuma, escarceos que sobem do abysmo, e borrifam tudo com o rocio salgado. Nem vento amigo, que abrande as torrentes de chuva incessante! Para castigo da raça humana abrem-se as cataratas do ceo, rompem-se as matrizes do grande abysmo! Ao abrir das nuvens e desentranhar das aguas, rispido fragor retumba nos ares! Escurecidos sol e lua, pareciam cair do firmamento as estrellas, e finar-se toda a idade corrupta.

O successo é solemne. O premio ou o castigo pendem sobre todas as cabeças: feito será das que não tiveram o refugio da consciencia. A ultima hora aproxima-se.

Assim passam os primeiros dias d'afflicção. Os precursores do cataclismo e da confusão deram-se. Muitos vieram falsamente em nome do Senhor. Ouviram-se guerras e rumores de guerras. Nações e reinos se levantaram entre si. Lavraram pestes, fomes, e terremotos. Pela verdade havia attribulados e mortos; aborrecidos, escandalizados, e entregues por traição. A iniquidade multiplicara-se: a caridade resfriara. Só a liberdade, a innata tendencia civilisadora dos povos, não podia perecer ali, porque quasi nem era conhecida. Fôra sempre perseguida e acutilada, como Pedro acutilou Malco, porque era o que levava a luz, o unico que então luzia, de quantos invadiam o Horto.

A inundação cresce como phantasma gigante! A trombeta fatal a todos assigna o termo da existencia. Repercute na densa escuridade que cega, nas nuvens que de si escorrem mares, nas nevoas que embriagam.

Sombras fecham o firmamento. Sol e estrellas estão encobertos para sempre. Passageiro relampago lampeja n'esta scena de terrores. Os raios são fanaes, que rasgando os ares alumiam este espectáculo de tremenda destruição.

Quando havia nos plainos tudo desapareceu já. Tufões negros derrancam quanto ha nas montanhas; levam tudo aos ares em medonho redopio, brincam com moles immensas, como agitam

e baralham no espaço as folhas seccas do estio, e em vortice rapido mandam tudo ao abysmo.

O mar rompe seus diques. As fontes convertem-se em torrentes. São mares os rios; trasbordam furibundos, espraiam-se pelos campos, tudo derribam e arrebatam. Plantas, gados, gentes, habitações, que é feito d'elles? Terra e mar já tudo se confunde. Tudo é mar. O mar já não tem praias. Poucos já restam. Que foi feito de paes e irmãos? Tambem dentro em pouco lhes chegará a hora da confusão e do naufragio. Tudo vae perecer n'esse lago infindo.

Soberbas torres de marmore tremem, e rotas e aluidas caem nas ondas. Campos, que é de vós? Trabalham remos onde até aqui puxavam a charrua. Boiam embarcações desmantelladas sobre campos de messes, e aldêas subvertidas. Bosques e edificios tudo lá jaz. Até rochas escarpadas combatidas das vagas se despenham no pelago. Já torreões de espuma cobrem as serras. As ondas fremem nos mais fragosos picos. Vagas medonhas alumiadas pelos raios sobem até ao cume das cordilheiras. Cada uma rola consigo milhões de cadaveres. Os fugitivos, que vão de praia em praia sem descanso, são atropellados pelos mortos. Quando os infelizes creem ter conquistado um refugio, as ondas galgam mais ligeiras do que elles e lh'o disputam.

Gritos d'afflicção e brados lastimosos eccoam nos ares. São das victimas. Na maior agitação e agonia trepam em vão por montes alcantillados. Já não ha refugio. A onda que alaga os pés é a tumba que conduz ao eterno jazigo.

Retumbam insolitos lamentos. Que horror! A rocha, recamada de gente espavorida, vacilla em seus fundamentos, despega-se e desaparece.

O filho, que buscava salvar o pae moribundo, lá escorrega. Absorve-o a torrente caudal. A pobre mãe já não pode subir a escarpa do rochedo, e vae augmentar por sua vez o numero das victimas. Os filhinhos, a quem poucos momentos já resta de vida, soltam medonhos gemidos. Transidos de terror ainda estendem os bracinhos nus. Mas o ceo feito bronze, forrado de nuvens desapiedadas não os ouve, abandona-os, ensurdeceu aos clamores dos innocentinhos. Nem barca nem oiteiro pode salvá-os.

Já para as aves, que esvoaçam anciadas, não ha terra em que descausem o vôo. Exhaustas de forças caem n'agua e ali acabam. Que farão já agora os poucos homens que ainda restam, quando a aguia succumbe? Lobo e ovelhas ahí andam juntos. Por sobre os mares boiam leões e tygres. Toda a humanidade perece. Toda a terra vae jazer alagada para afogar a má semente, que só por nova e melhor sementeira pode o mundo regenerar-se!

Tudo pereceu! Não ha em toda a natureza signal de vida! Só a grande arca de madeira que guarda as reliquias das especies, boia agitada por sobre o cataclismo!

Continua.

JOSÉ DE TORRES.

## O ESCRAVO BRANCO.

Quem nunca saiu da terra  
Onde lhe coube nascer,  
Não sabe o que são saudades  
Que a alma pode conter!  
Da nossa patria a lembrança,  
Até a fe em Deus cansa,  
Quando nos morre a esperança  
De tornal-a ainda a ver.

Eu nasci longe d'aqui,  
E do meu solo natal  
Trouxeram-me as ambições  
A este imperio real:  
Imperio que no passado,  
Do mesmo rei governado  
Foi um irmão extremado,  
Dos reinos de Portugal.

Dizem lá por entre os meus,  
Que quem quer muito ganhar,  
Parta ás terras do Brazil  
Ricas fortunas buscar;  
E este dizer tão mentido,  
Me faz hoje estar vendido  
Rival do negro abatido  
Sem me poder resgatar!

Eu era pobre, mas livre  
Vivia na minha aldeia,  
Tinha afagos de familia  
Que longe por mim pranteia.  
Agora tenho a saudade,  
Dos gosos da liberdade  
Que troquei n'uma vaidade  
Aos lucros da terra alheia.

Eu tinha no meu casal  
Santo dever a cumprir  
Do trabalho do meu braço  
Tinha irmãos a nutrir:  
Tinha a mãe pobre, mírrada,  
Que lá anda abandonada,  
De porta em porta arrumada  
Com seus filhos a pedir.

E quem pudera contar  
Em horas de afflicção  
Maldições que tem o filho  
Nascidas do coração!!  
Quando a mãe ao caminhante  
Estende a mão vacillante  
E por esmola constante,  
Tem desdem, em vez de pão!

Nasci humilde, quiz muito  
Tornou-se em nada o meu pouco:  
A sina que Deus me deu  
Quiz mudal-a: fui um louco!  
Querendo thesouros buscar,  
Só aqui vim encontrar  
Dos gemidos que soltar  
Um ecco fugindo rouco.

Se do pobre escravo branco  
As terras de Portugal  
Levasse vozes o vento  
E o vento fosse leal,  
Lá diria em tom sentido  
Que o branco já é vendido,  
Aonde outr'ora era tido  
Como um irmão sem rival.

Mas peito cala estas magoas.  
Guarda-as bem no coração!  
Estranhos se as ouvissem  
Davam-lhe em paga irrisão.  
E o pobre escravo merecia,  
Que a liberdade perdia  
Quando a mente concebia  
Regalos de cortezão.

Mas a esperança inda vive,  
E juro á fe de christão  
Nos braços de minha mãe  
Ser livre sem ambição.  
Qu' eu sinto n'alma gravada,  
Essa verdade sagrada  
Que tanto a cruz é pesada  
Maior é a redempção.

8 de Novembro de 1856.

A. M. VEIGA DOS SANTOS.

## ESTUDOS SOBRE A HISTÓRIA SAGRADA.

### PÁTRIARCHAS.

O nome dado aos antepassados do Salvador do mundo, considerado no ponto de vista das suas relações com a humanidade, foi o de *patriarcha*. Significa paê, ou chefe da familia.

Devem distinguir-se tres classes de *patriarchas*. Os que existiram antes do dilúvio; os que viveram depois do dilúvio até a vocação de Abrahão; e os que se seguiram desde essa epoca até a servidão do Egypto.

Os doze filhos de Jacob, que pertencem a terceira epoca, são os que marcam distinctamente as doze tribus do povo de Israel, porque cada um d'elles foi o chefe das respectivas tribus.

Não será prodigio o considerar-se a longa vida de cada um d'estes patriarchas? Assim era necessario, para que Moysés escrevesse o que existia na memoria dos homens, especialmente n'um tempo em que a traducção mutua era a unica historia que se transmittia de paes a filhos.

Vejamos uns poucos de exemplos.

Adão, pelos calculos da Escriptura Sagrada, viveu cincoenta e seis annos com Lamech.

Lamech, viveu quinhentos e noventa e cinco annos em companhia de Noé.

Noé viveu quatrocentos e quarenta e oito annos com Sem.

Sem viveu cento e cincoenta annos com Abrahão.

Abrahão viveu setenta e cinco annos com Isaac. Isaac viveu trinta e tres annos na companhia de Levi, que foi o avô da mãe de Moysés, a qual se chamava *Jocabed*.

Note-se mais, que Deus empregou unicamente dez *patriarchas*, ou chefes de familia antes do dilúvio para a transmissão das grandes verdades da religião; que depois d'esta desgraçada epoca se não serviu de maior numero de instrumentos, porque dez foram tambem os *patriarchas*.

Vivendo seculos em companhia uns dos outros, fallando e entretendo-se reciprocamente dos prodigios a que tinham assistido, não é para admirar que estes primeiros historiadores do mundo nos transmittissem pura a verdade, no meio da depravação que corrompeu a especie humana.

Além d'este grande fim que o Eterno marcou á longa vida dos primitivos *patriarchas*, devemos considerar a necessidade de se povoar a terra, formando assim a sociedade humana.

Até os nomes d'estes *patriarchas* eram uma especie de simples monumentos. Denotavam o que o seu nascimento tinha de singular, ou o favor especial que recebiam de Deus, ou algum successo memoravel do seu tempo.

Venhamos aos exemplos.

*Adão*, significa o homem terrestre.

*Eva*, a mãe dos viventes.

*Phaleg*, a divisão. Foi no seu tempo que os filhos de Noé se dispersaram.

*Abrahão*, o paê de uma grande geração.

Assim fica demonstrado, que estes nomes, cuja significação se explicava de paes a filhos, eram um monumento mais valioso do que esses que as posteriores edades levantarani amontoando pedras.

Até este cuidado de assim transmittir a posteridade os grandes feitos, e esta providencia do futuro, faz honrada e distincta a memoria dos troncos primitivos da raza humana.

### DILUVIO.

Procure-se o mais insignificante povo da terra, investigue-se o mais policiado, ou o mais barbaro, e n'elle se encontrará a tradição do *dilúvio universal*.

No Oriente foi celebre sempre a arca, na qual se salvaram os restos do genero humano, e tambem os logares onde ella parou depois d'esta terrivel catastrophe.

Pergunta-se, porém, apesar do testemunho de todos os povos, que dimensões não eram precisas a este grande navio salvador da especie humana, para conter, não só milhões de animaes, mas igualmente os necessarios alimentos para um anno.

Examinando-se os livros santos, n'elles se encontra a medida d'esta arca. A sua capacidade era de cento e cincoenta mil toezas. Repare-se hoje na capacidade dos maiores navios de guer-

ra, calcule-se a sua artilheria e munições; a sua equipagem; a tropa; as provisões necessarias para toda essa gente, e diga-se depois se entra na ordem do impossível haver na arca, com aquellas dimensões, o sustento necessario para oito pessoas, com os pares de animaes que Deus determinou fossem n'ella guardados.

Devemos lembrar-nos egualmente que as especies primitivas dos animaes não eram tão numerosas como o são hoje. Alguns autores as computam em oitenta e sete.

A razão pode ajudar-nos no calculo d'estas especies. Não sabemos hoje que as raças se apuram e multiplicam pelo cruzamento? Por exemplo na especie canina, quantas raças ha hoje, que não existiam ha vinte annos? Olhemos para um viveiro, e examinemos depois de que as vergontes se fizeram arvores fructiferas a immensa variedade que saiu da mesma semente! Quantas flores differentes não saem da semente de uma unica flor?

A natureza, uniforme nas suas funcções, varia sempre nos seus detalhes. Nos animaes a experiencia, o estudo e a sciencia tem convencido a especie humana dos mesmos resultados, que os fructos e as flores nos tem apresentado.

Lancemos os olhos para as variedades que se notam mesmo na especie humana. Que encontramos n'ella? Brancos, pretos, mulatos, fulos, acobreados, etc. Uns de estatura agigantada, outros anões. Alguns extremamente gordos, varios excessivamente magros.

E comtudo elles não são de origem differente, nem ha diversas especies de homens. O cabello mais liso ou mais crespo, mais fino ou mais grosso, olhos mais claros ou mais escuros, tez mais pallida ou mais colorida, não passam de ser simples accidentes da forma externa. As partes internas, a construcção essencial do physico são sempre as mesmas. Aquellas (as externas) podem depender do tempo, do clima, e de outras causas que nos são desconhecidas; estas, são as que verdadeiramente constituem o genero.

Prova-se mesmo que estas variedades não são mais do que effeitos passageiros considerando-se que ha povos, que tendo sido primitivamente negros, pela sua transplantação para outros paizes, ou incorporação em diversas nações tem tomado differente côr; isto e, tem ficado tão brancos como os originarios do paiz para onde vieram.

Bem sabemos que a este respeito, e muitos outros, como por exemplo, os motivos porque Deus, ou o Ente Supremo, fez morrer todos os animaes, se submergiu a terra, etc., fazem os incredulos repetidas interrogações. A resposta está na *Es-cryptura Sagrada*, e não vimos aqui defender a these. Apresentamos os factos. Estes bastam para responder n'este caso. Está provado pela sciencia, e pela descoberta dos fosseis ou animaes antidiluvianos que o *diluvio* foi universal. Isto nos basta para confirmar a authenticidade das lettras sagradas.

Ainda se tem opposto ao *diluvio* outra objec-

ção; e vem a ser: — « Como possível que uma chuva de quarenta dias inundasse todo o globo terrestre? »

Tambem a resposta é fácil, e unicamente a demencia ou cegueira poderia inventar a interrogação. Leia-se a *Es-cryptura*, e veja-se o minucioso cuidado que ella emprega em nos indicar todas as fontes d'esta terrivel chuva. — « O mar trasborda; abrem-se os abysmos da terra; esgotam-se todos os reservatorios dos ceos! » — Que quantidade d'agua não podia sair d'ali? Calcule-se, se é possível, ainda mesmo que se não de-seje metter em linha de conta a Omnipotencia de Deus.

Ainda outra objecção a este terrivel castigo. Se a terra esteve submergida pelo espaço de um anno, como é possível que as sementes, plantas, e arvores se não corrompessem?

E quem não sabe que os pantanos e os mares tem plantas proprias? Quem ignora que as arvores se conservam nas aguas? Concedamos ainda que os troncos das arvores se destruisssem e corrompessem cobertos um anno pela agua; mas as suas raizes, fortalecidas por um sol vigoroso depois d'aquella inundação, acaso não rebentavam mais robustas e virentes? Não fallamos na possibilidade de que Deus expressamente as conservasse, como a sciencia já descobriu que se conservam incorruptas as sementes involvidas na terra, ou no limo.

#### DURAÇÃO DA VIDA HUMANA.

A sua declinação depois do *diluvio universal* explica-se physicamente, sem recorrer a outra origem. Os succos enterrados ou confidos na terra alteraram-se necessariamente por essa grande massa de aguas que caiu, e pelo longo periodo que a inundaram.

O ar, carregado d'uma excessiva humidade, desinvolveu e fortificou os principios da corrupção.

Seguiu-se d'aqui achar-se enfraquecida a primitiva constituição do universo; e por tanto a vida humana, que até a occasião do diluvio se estendia a seculos, diminuiu progressivamente.

Tambem, por este mesmo motivo, as hervas e os fructos não conservaram a sua força primitiva. Então foi preciso dar ao homem um nutrimento mais substancial; e este se encontrou na carne dos animaes. Apesar d'isso o novo alimento não pôde sustentar o progresso descendente da vida; que já no tempo de David chegara ao ponto d'elle dizer: — « Os dias da nossa vida, ordinariamente não passam dos setenta annos; e se os mais robustos chegam a viver oitenta, já é com muito custo e muitas dôres. »

Continúa.

A.

Damos hoje, como promettemos, a estampa que representa o palacio de Queluz.